

Entrevista

Tradutores juizforanos em Juiz de Fora

Gercélia Batista de Oliveira Mendes¹, graduada em Direito e mestre em Estudos de Tradução pelo *Institut de Traducteurs, d'Interprètes et de Relations Internationales* de Estrasburgo, França, trabalha como tradutora autônoma há três anos num escritório particular no centro de Juiz de Fora. Ela possui clientes do exterior e de diversas partes do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo.

Gustavo Mendes Gerhein² é formado em Psicologia pelo *Centro de Ensino Superior* (CES) de Juiz de Fora. A tradução para ele começou como um hobby. Após uma especialização em Tradução pela Universidade de São Paulo (USP) passou a traduzir como atividade principal. Trabalha exclusivamente com a língua inglesa e é especializado em traduções de livros de psicologia.

A Revista Rónai recebeu os tradutores para um bate-papo, na sala 1105 do Centro de Línguas da Faculdade de Letras de Universidade Federal de Juiz de Fora. Veja a seguir relatos e dicas interessantes de dois tradutores juizforanos que trabalham em Juiz de Fora.



Gercélia no escritório de tradução: *“quando eu não estou efetivamente traduzindo, estou fazendo alguma coisa relacionada à tradução... A gente tem que fazer isso sempre”*

Revista RONAI: Como vocês se apresentaram ao mercado de trabalho?

Gercélia: Mandando currículo para todo mundo, para todo lugar que imaginei poder um dia precisar do meu serviço: escritório de tradução, multinacional, escritório de advocacia, editora. A grande maioria deles enviei por e-mail, mas mandei alguns pelo correio também. E o retorno foi bem pequeno, acho que em 90% dos casos [não houve resposta]. Algumas pessoas responderam elogiando o currículo, mas dizendo que naquele momento não iriam contratar um tradutor. Na verdade, os clientes que eu tenho hoje não são aqueles para quem enviei currículo. Foi boca a boca mesmo. Pessoas que me conheceram, que passaram o meu nome.

Gustavo: Em São Paulo, quando estava estudando na USP, em um curso bem prático de tradução, eu tinha um contato com um analista para eu já havia feito algumas traduções. Ele gostou dos meus textos e me levou à Editora Paulus, onde trabalhava; fui apresentado aos diretores e a partir desse momento, começaram a me mandar trabalho. Traduzi para eles seis livros em quatro anos. Agora eu comecei a

mandar currículos para outras editoras, mas é muito difícil entrar no mercado editorial sem ter indicação. Tenho a esperança de que, por causa desses livros já publicados, alguém me dê credibilidade. Vamos ver o que acontece, porque você manda o currículo, mas nem sabe se alguém vai ler.

RONAI: A formação acadêmica é essencial para ser um bom tradutor?

Gercélia: Não acho que seja essencial, porque a experiência pode superar a formação em muitos casos. Mas, se existe a formação, por que não procurá-la? São várias possibilidades: graduação, pós, especialização, existem até cursos específicos para legendagem. Há excelentes tradutores que nunca passaram por formação alguma, mas, segundo a minha experiência pessoal, acho que eu penaria muito mais para traduzir se eu não tivesse passado por uma formação. Os cursos que fiz me ajudaram muito.

RONAI: O que você acha, Gustavo, sua especialização te ajudou?

Gustavo: Com certeza, o curso me abriu muito a cabeça, o contato com outros tradutores, gente

1 Gercélia Batista de Oliveira Mendes: traduire@nextwave.com.br

2 Gustavo Mendes Gerhein: gustavomendesgerhein@yahoo.com.br

experiente, havia troca de informações... Peguei um monte de macetes, aprendi um monte de saídas, principalmente onde buscar informações. Acho que a formação acadêmica pode também ajudar a dar credibilidade. Eu entrei na Paulus por indicação, talvez não fizesse diferença ter ou não essa formação. Mas acredito que, agora que estou mandando meu currículo para várias editoras, além da experiência que todos os livros que traduzi vai indicar, o curso que fiz também vai dar uma credibilidade maior.

RONAI: Falem um pouquinho sobre preferência por traduzir certos tipos de textos.

Gercélia: Eu gosto de vários tipos de texto, até mesmo dos textos técnicos. Só teve um texto de teologia que eu não gostei de traduzir, aliás, eu detestei. Já fiz tradução de texto de caixa d'água e achei muito legal. Para você gostar de um trabalho de tradução, o importante não é só o tipo do texto, depende de o texto ser bem escrito, o trabalho, bem pago, depende do tempo que você tem para fazer, se não tem que fazer aquilo do dia para noite, mas se eu pudesse escolher, trabalharia só com adaptação de textos para legendas.

Gustavo: Eu, pessoalmente, não quero trabalhar para empresas de tradução, não quero traduzir contratos, ser tradutor juramentado, traduzir manual de instrução de trator, etc (risos). Quero fazer a tradução de textos que eu goste de ler, acho muito mais interessante. Não só de psicologia, mas textos que me agradem, pelo prazer mesmo da tradução. Acho que sou meio romântico nesse sentido.

RONAI: Romântico ao ponto de recusar trabalho?

Gustavo: Depende. Se chegar um livro de neuroanatomia, não faço. Eu não consigo ler um livro desses em português, vou ler em inglês para traduzir? Eu teria que aprender primeiro o assunto e depois fazer o trabalho. Então, existem limitações, eu acho. A experiência que tive na USP de tradução de termos técnicos foi meio

traumática (risos), principalmente de textos jurídicos: um semestre inteiro com uma matéria só de tradução jurídica... Se eu pegar um contrato pra ler ou redigir em português, eu não sei. Como eu vou traduzi-lo? Ao pé da letra? Não dá certo...

RONAI: Você já fez teste para trabalhar em empresas como tradutora?

Gercélia: Fiz teste para algumas. Alguns testes são pagos, outros não. Depende de você aceitar ou não fazer. Os testes são limitados num tamanho normalmente de 1000 palavras, no máximo, o que já é muito grande. Então é bom que quando vocês forem fazer um teste se certifiquem de que o nível do texto não seja extremo, porque isso pode não significar boa coisa, e de que o texto não seja muito grande, porque quando o texto é muito grande, normalmente ele já é o trabalho em si, ou seja, você não vai receber por aquilo.

RONAI: Quais são as barreiras enfrentadas por um profissional da tradução?

Gercélia: No geral, quanto à tradução no Brasil, o trabalho é relativamente mal pago, pela responsabilidade que envolve, pelo trabalho que dá, pelo tempo que se gasta. Isso é uma barreira. São poucos os que vivem integralmente da

tradução, num universo de tradutores que existem. A mercantilização feita através de escritórios de tradução, que vê o tradutor como um mero atravessador do trabalho, também é uma barreira. Escritórios costumam garantir um volume grande de trabalho, mas costuma também pagar mal. Para o tradutor de outras línguas que não o inglês, a falta de material de referência também é uma barreira. Com o inglês, isso não acontece, mas procurar glossários e dicionários especializados em francês ou alemão é difícil, pelo português ser considerado na Europa como uma língua rara, por incrível que pareça.

Gustavo: Para mim, a dificuldade maior é conseguir contato com uma editora, porque quero trabalhar mesmo é no mercado editorial.



Gustavo no Centro de Línguas: "uma coisa fundamental: escrever bem em português. Eu sempre adorei ler, a vida inteira eu li, e isso me ajudou bastante..."

Como eu disse, é bem difícil conseguir entrar. Mas sei que existe escassez de mão de obra qualificada, porque o mercado está saturado, mas é de gente ruim. Já me falaram isso na Paulus, teve vez que foi preciso jogar a tradução fora, porque não valia a pena consertar; tiveram que contratar um tradutor para fazer um novo trabalho, e isso acontece bastante. É difícil para eles conseguir bons tradutores.

RONAI: Qual é o trabalho mais interessante que você já fez?

Gercélia: Bem, tudo o que eu fiz foi importante, mas o mais interessante foi um filme que eu fiz para o Consulado Francês. Fiz um trabalho para Deca-Duratex que foi muito legal, de uma linha de produtos que está sendo exportada para o Canadá, que era de chuveiros, torneiras, vasos sanitários, válvulas de descarga de pressão, e por aí vai. Parece uma coisa boba, mas você aprende muito, porque você convive com aqueles mecanismos todo dia e não sabe como realmente são. Esse trabalho de versão do português para o francês foi muito bom porque, além de dar um certo orgulho por ser uma empresa nacional exportando, era um trabalho bem pago, eles não aborreciam com nada, eu mandava minhas dúvidas pra eles, eles me mandavam tudo em um glossário, eu fazia o meu trabalho, entregava, eles me pagavam e pronto. Foi gratificante de todos os pontos de vista: profissional, pessoal, financeiro. Fiz também um livro para o governo do estado do Maranhão que ficou lindo. É um livro bilíngüe, português e francês, de gravuras do séc. XVI, e meu nome está lá.

RONAI: Gustavo, você disse que elogiaram a

qualidade das suas primeiras traduções. Isso foi antes de você fazer a especialização?

Gustavo: Eu já estava fazendo a especialização.

RONAI: Então o responsável por essa qualidade seria um histórico de leituras?

Gustavo: Com certeza, porque na especialização eu não aprendi a escrever. Até teve uma matéria de produção de texto, mas ela sozinha não se ensinaria a escrever. E isso é uma coisa fundamental: escrever bem em português. Eu sempre adorei ler, a vida inteira eu li, e isso me ajudou bastante, apesar de eu nunca ter sido um ótimo aluno de redação.

RONAI: Quantas horas vocês trabalham por dia?

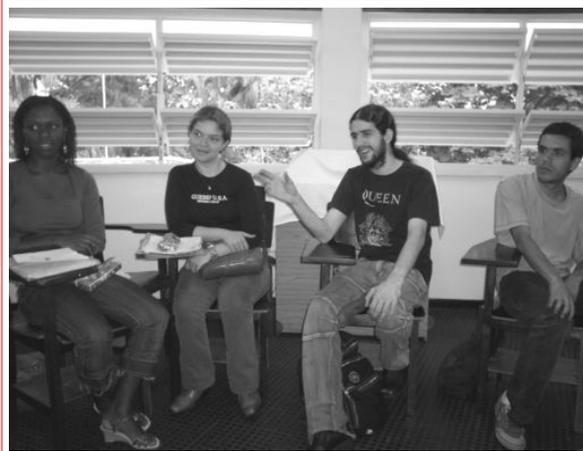
Gercélia: Depende da necessidade. Eu trabalho sete dias na semana, doze horas por dia, se for necessário. Mas fico no escritório pelo menos seis horas por dia, porque quando eu não estou efetivamente traduzindo, estou fazendo alguma coisa relacionada à tradução: revisando

glossário, fazendo pesquisa de terminologia, fazendo contato com alguns clientes, mandando currículos. A gente tem que fazer isso sempre.

Gustavo: Eu sou bem relaxado. Como eu tenho pouco trabalho e a editora me dá um prazo bem largo, então demoro mais ou menos três meses para traduzir umas 200 páginas. Dá uma média de 2 a 3 horas por dia. Quando eu estava em São Paulo, morando sozinho, eu ficava por conta disso, então, demorava um mês e meio

para traduzir um livro.

RONAI: Como autônoma, Gercélia, qual o volume de trabalho que você recebe? É bastante?



Alunos do Bacharelado em Tradução - Inglês, da Faculdade de Letras da UFJF



Gercélia: "Você precisa valorizar, na medida do possível, o seu trabalho. Muita gente não entende o que o tradutor faz, acha que é uma coisa automática, rápida. A gente precisa educar os clientes nesse sentido".

Gercélia: Eu falo a partir da minha experiência pessoal. Claro que para tradutores com a carreira consolidada, que se dedicam exclusivamente à tradução, não existe esse tipo de problema. Para mim, o volume de trabalho ainda é bastante instável. Tem mês que surge muita coisa, que não dá tempo nem para você dormir direito e outro mês você fica lá, sem trabalho quase nenhum. Isso já me aconteceu várias vezes. Nesses momentos cheguei a pensar em largar tudo e fazer um concurso público. Mas têm aqueles meses muito bons. Ir conquistando uma clientela é muito importante, o que não quer dizer que os clientes fixos vão mandar trabalho toda semana, isso depende muito da necessidade deles. Administrar sua renda, encontrar um equilíbrio financeiro nesse mar de instabilidades é difícil, mas é possível.

RONAI: Vocês têm uma idéia de valores em média por página?

Gercélia: Pela tabela do sindicato dos tradutores, o Sintra, a lauda (com mais ou menos 110 palavras ou 2100 caracteres com espaço) tem o preço de R\$24,00. Mas na prática a gente recebe entre R\$15,00 e R\$25,00 por lauda. Quando é para verter para língua estrangeira, é bem mais caro, cerca de R\$35,00 a lauda.

Gustavo: Eu recebo em média, para traduzir, pois não faço versão, R\$18,00 pela lauda de 2000 toques, uma lauda gigantesca. Eu ouvi lá em São Paulo que a média de lauda era de 1250 toques, uma lauda boa.

RONAI: Os livros que você traduziu são todos sobre o mesmo tema?

Gustavo: Os seis livros que traduzi são sobre psicologia jungiana. Fiz um outro trabalho menor,

de uma enciclopédia de Administração, eu traduzi alguns verbetes. Na verdade foi meu primeiro trabalho de fato remunerado. Foi para a Editora Atlas, mas independente do tema, quanto mais se traduz, mais rapidez, mais segurança você tem, tudo vai ficando melhor. Eu me lembro de dois textos que me fizeram reclamar muito, porque eu não imaginava que iriam me dar tanto trabalho. Depois vai ficando mais fácil, quase automático, você vai lendo e escrevendo em português, só volta para revisão.

RONAI: Você acha interessante se especializar em uma área só?

Gustavo: Pela minha experiência, eu diria que sim. Por eu ser um psicólogo, me abrem muitas portas nessa área. Qualquer editora me daria preferência pra traduzir textos de psicologia, mesmo a Paulus, nunca me mandaram ainda nada de outra área que não fosse psicologia.

RONAI: Qual o conselho que você daria para nós, futuros tradutores?

Gercélia: Você precisa valorizar, na medida do possível, o seu trabalho. Muita gente não entende o que o tradutor faz, acha que é uma coisa automática, rápida. A gente precisa educar os clientes nesse sentido. Nem sempre é possível você impor o seu preço, mas, quando você puder tentar, tente, senão o mercado te esmaga mesmo, e isso não é só com os tradutores. É muito importante também a questão do prazo. É super importante que vocês sejam responsáveis com o prazo, porque quem não respeita o prazo, está mesmo, fora do mercado de trabalho. Eles não perdoam atrasos, porque do seu trabalho vai depender um relatório, uma reunião, uma



Alunos do Bacharelado em Tradução - Inglês, da Faculdade de Letras da UFJF



Gustavo: "é importante saber usar as ferramentas de trabalho, dicionários, principalmente, e o Google, que hoje em dia é a melhor coisa para o tradutor".

apresentação, a exportação de um produto, o fornecimento de uma mercadoria... Quando é uma tradução de urgência, sempre que possível eu cobro uma taxa extra. Mas cumprir o prazo é uma coisa muito, muito importante, ainda que você tenha que virar a noite para cumpri-lo, vale a pena. Também acho interessante aprender um segundo idioma. Se eu tivesse que montar um escritório de tradução eu preferiria uma pessoa que pudesse me oferecer dois idiomas.

Gustavo: Independente do tema, quanto mais se traduz, mais rapidez, mais segurança você tem, tudo vai ficando melhor. É importante saber usar

as ferramentas de trabalho, dicionários, principalmente, e o Google, que hoje em dia é a melhor coisa para o tradutor. Os dicionários em CD-ROM também facilitam muito a vida, cortam pela metade, no mínimo, o tempo de trabalho. Recomendo. Outra coisa interessante é fazer alguns textos pequenos, mesmo sem remuneração. Tem sites na internet, por exemplo sites científicos, onde você pode traduzir alguns textos, fica o seu nome lá, você pode colocar isso no seu currículo. Eu fiz em sites de psicologia, os textos ficaram lá um tempo, meu nome estava lá. Essas coisas são interessantes, você vai mostrando seu trabalho pra quem quiser ver.

